

## Por um currículo emancipador e uma escola plural

### For an emancipating curriculum and a plural school

Kenia Ariádna Santos Marinho<sup>1\*</sup>, Deiane Figueiredo Barros<sup>1</sup>, José Carlos de Melo<sup>1</sup>

---

#### RESUMO

Este artigo versa sobre a concepção de um currículo emancipatório, que evidencia uma escola plural, por um processo de mediação do conhecimento que acolhe a pluralidade de culturas presentes em nossas salas de aula. Parte da compreensão de currículo enquanto teoria, reflete sobre a relação currículo e identidade e destaca como o currículo perpetua a sociedade de classes. Para isso, galga o caminho da revisão bibliográfica, apoiando-se nos estudos de Goodson (1995), Silva (2005), Gomes (2012), dentre outros. Para dialogar com os teóricos trazemos as falas dos docentes do Centro de Ensino Japiaçu, da rede estadual de São Luís, anos finais do ensino fundamental, falas essas, obtidas por meio do *Google Forms*. Ao final desse estudo, fica evidente a necessidade de uma mudança na forma de concebermos o currículo e suas práticas dentro da escola, para avançarmos na construção de uma escola que acolha as diferenças, a pluralidade cultural, para construirmos uma sociedade mais humana, inclusiva e equânime.

**Palavras-chave:** Currículo emancipador; Escola plural; Currículo e teoria; Currículo e identidade.

---

#### ABSTRACT

This article deals with the conception of an emancipatory curriculum, which evidences a plural school, through a process of mediation of knowledge that welcomes the plurality of cultures present in our classrooms. Part of the understanding of curriculum as a theory, it reflects on the relationship between curriculum and identity and highlights how the curriculum perpetuates class society. For this, it takes the path of bibliographic review, based on studies by Goodson (1995), Silva (2005), Gomes (2012), among others. To dialogue with the theorists, we bring the speeches of the teachers of the Centro de Ensino Japiaçu, from the state network of São Luís, final years of elementary school, these speeches, obtained through *Google Forms*. At the end of this study, it is evident the need for a change in the way we conceive the curriculum and its practices within the school, to advance in the construction of a school that welcomes differences, cultural plurality, to build a more humane, inclusive and equitable.

**Keywords:** Emancipatory curriculum; Plural school; Curriculum and theory; Curriculum and identity.

---

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Maranhão/PPGEEB

\*E-mail: keniamarinhoas@gmail.com

## INTRODUÇÃO

O presente artigo é um trabalho desenvolvido como pré-requisito de conclusão da disciplina “Currículo, Cultura e Sociedade” do Programa de Gestão do Ensino da Educação Básica (PPGEEB - UFMA). Propõe-se refletir sobre os conteúdos aprendidos na disciplina fazendo uma conexão com a prática curricular do/a docente, tentando responder o seguinte questionamento: Como o currículo pode ser um instrumento emancipador em uma escola que acolha as diferenças, a pluralidade cultural, para construir uma sociedade mais humana, inclusiva e equânime?

Dessa forma, argumenta em defesa de um currículo escolar que anseia por ser emancipador e que abarque essa sociedade plural. Inicialmente, problematiza-se, o vocábulo teoria, no que se entende do mesmo em seu sentido conotativo, em seguida tematiza-se o currículo como formador de identidades e debate sobre o caráter dual da sociedade (oprimidos e opressores) e ainda segregadora.

Trata-se de uma pesquisa exploratória, de natureza aplicada, pois vemos a possibilidade de produção de novos conhecimentos, numa abordagem quanti-qualitativa. Foi realizada a revisão de literatura estudada na disciplina: Goodson (1995), Silva (2005), Gomes (2012), Santos; Paraíso (1996), Santos (2020), Mbembe (2018), Apple (1989). Com os resultados da aplicação de questionário empreendemos uma breve discussão de alguns aspectos realçados nas falas dos participantes da pesquisa no sentido de aprofundar um pouco mais o debate sobre o tema.

### **O currículo enquanto representante teórico de uma sociedade**

O homem enquanto ser cognoscente interage em seu meio, manipula o objeto a ser conhecido, o interpreta, o idealiza, o recria, de modo a gerar conceitos, definições com a intenção de fazê-lo um documento histórico, um fato social, uma categoria que com a interação humana se caracteriza e solidifica.

Assim sendo, o indivíduo em interação com o espaço em que vive, vai nomeando tudo que está à sua volta, para assim criar e gerar conhecimento nesse processo interlocutivo com o objeto cognoscente. Desse modo, temos o surgimento do termo TE-O-RI-A, a qual intenta teorizar, definir, conceituar tudo o que permeia as relações humanas. E, desse modo não é diferente para o vocábulo CUR RÍ CU LO, este que tenta

empreender uma busca ao explicar como deve ocorrer a ação do trabalho docente, pois aqui estamos falando dos currículos escolares.

Para tal entendimento, se faz necessário trazer o que os dicionários de Tânia Dias Queiroz e de Evanildo Bechara falam sobre a palavra Teoria, para Tânia, "Consiste num sistema de preposições ou hipóteses (ver *hipóteses*) que têm sido constatadas como válidas (ou plausíveis) e sustentáveis." (QUEIROZ, 2003, p. 236). Já, para Bechara, temos: "1. Conhecimento abstrato, puramente racional e independente de aplicação prática. 2. Conjunto de conhecimentos abstratos de uma área específica [...] 3. Conjunto sistemático de ideias ou hipóteses sobre um tema [...]" (BECHARA, 2011, p. 1230). Para Silva, "teoria é uma representação, uma imagem, um reflexo, um signo de uma realidade [...]" (SILVA, 2005, p.11)

Desse modo, vislumbramos o entendimento de teoria curricular como sendo algo concebido de modo imagético pelo ser humano, enquanto ser que pensa, e vai refletir, imaginar como determinada coisa deve ser entendida. Logo, teoricamente, currículo é suposição da mente humana que o abstrai e transforma em entendimento o termo, por um ser que é pensante. Contudo, em se tratando, do currículo escolar, tal argumentação, deve ter sentido amplo, diverso; que tenta alcançar um ser social e cultural em sua diversidade. E, assim, unicamente idealizar, refletir esse currículo somente de modo hipotético, o torna falho, distante, equivocado na representação desses seres socialmente e culturalmente plurais, múltiplos.

Ter uma teoria para Currículo nos incentiva primeiro a ir em busca do que quer dizer o vocábulo denominado "teoria". Assim sendo, a palavra te o ri a, como bem diz Silva (2005), em sua obra "Documentos de Identidade: uma introdução às teorias de currículo". Teoria, assim como grande parte dos objetos que representam a humanidade, assim o é essa palavra chamada teoria, ela é um objeto, signo, carregado por seu significante e significado.

Dessa forma, esse signo linguístico, que é o próprio objeto Currículo, este nada mais é, do que um somatório de seu significante e significado. Significante é o próprio termo em si, isto é, a palavra currículo; e, o significado é o conceito que convencionamos por meio das interações sociais, a dar para esse significante, refletindo de modo linguístico.

A relação necessária entre a linguística e o termo currículo, destaca-se nesse momento, com a finalidade de notá-lo em seu aspecto estrutural, já que o estruturalismo

linguístico nos faz pensar que, de um lado a língua vista em sua estrutura, formas (artigo, substantivo, etc;) com a finalidade de organizá-la. A respeito da estrutura do currículo pode-se refletir em sua disposição para manifestá-lo melhor.

No entanto, esse entendimento do currículo, nos faz aspirar, a mais de uma teorização para o mesmo; que vá além de sua interpretação social, cultural, como bem raciocina (SILVA, 2005, p.11): “Da perspectiva do pós-estruturalismo, hoje predominantemente na análise social e cultural, é precisamente esse viés representacional que torna problemático o próprio conceito de teoria.” É notório, que o currículo escolar, visto em seu sentido hipotético, de proposições, como é conceito de TE-O-RI-A, torna o currículo escasso, falho, vazio.

Desse modo, podemos ponderar que até aqui, o currículo escolar foi visto em suas ideias, concepções, que perpassou pelas teorias tradicional, crítica e pós-crítica. Todavia, vale refletir sobre esse currículo distante de uma sociedade mutável, em constante evolução, se faz necessário um percurso, um caminho a seguir, no ofício, como bem salienta Silmara Papi (2005) da profissão docente, busca-se uma prática que vá além de um discurso vazio, presunçoso, vaidoso.

Que se esvazie também, de ideologias ríspidas, severas, penosas, como bem salienta Apple (1989) em seu livro Educação e poder. Um currículo escolar que não contribua para deixar à margem quem já se encontra, como retrata, Santos (2020), que não deixemos a sul, os grupos indefesos, frágeis. Cabe-nos buscar o que seria necessário para melhor representar o termo currículo. Assim sendo, Silva diz que para ele “[...] faria mais sentido falar não em teorias, mas em discursos ou textos.” (SILVA, 2005, p. 11).

É evidente que encarar o signo linguístico, currículo, da mesma forma como apreciamos um discurso ou texto, tentaria atingir a imensidão dos currículos escolares dentro de uma sala de aula. Assim, pode-se, ter um conceito limitado que contribui para uma ação que ceceia, limita, restringe não somente o conhecimento, mas principalmente, aniquila, destrói a vida humana, a dignidade humana daqueles que já se encontram distantes de uma pedagogia que promove e valoriza os sujeitos envolvidos do processo.

Desse modo, como bem já foi apontado, nada mais eficiente, do que ver, observar, analisar o currículo como um texto discursivo, já que o mesmo pode chegar a exaurir o que se espera das ações pedagógicas nos contextos escolares.

## **O currículo como uma questão de identidade**

As teorias Tradicionais do currículo imergiram a escola em um fazer narrativo, no qual as lições são ditadas, postas sem questionamentos ou intervenções, mas as práticas pedagógicas no contexto escolar vêm sendo renovadas, chegando ao campo das teorias mais críticas, que faz uma leitura das relações de poder existentes na sociedade junto à força de superação dos que se encontram na posição de oprimidos. Atualmente, aluta por um currículo na vertente das teorias Pós-críticas, tentam possibilitar a construção de práticas mais ligadas à vida humana, buscando romper com a exclusão e a segregação das culturas de grupos que historicamente vêm sendo negadas e silenciadas.

Portanto, ao afirmar que o currículo é uma questão de identidade, queremos dizer que os conteúdos e atividades priorizados no processo educativo escolar deve ser constantemente indagado para responder a serviço do que ou de quem estão preparando, e assim compreender que no currículo “[...] a pergunta " o que" nunca está separada de uma outra importante pergunta " o que eles ou elas devem ser?" ou melhor, " o que eles ou elas devem se tornar?" (SILVA, 2005, p.15)

Uma proposição é que o currículo é uma organização que responde à pergunta: que tipo de ser humano é desejável para um determinado tipo de sociedade? Dependendo da resposta cabe um determinado tipo de currículo que dialoga com uma dada teoria. Assim, por exemplo, devemos entender que:

[...] As teorias críticas são teorias de desconfiança, questionamento e transformação radical. Para as teorias críticas não se deve usar técnicas de como fazer o currículo, mas desenvolver conceitos que nos permitam compreender o que o currículo faz (SILVA, 2005, p.30).

Nesse sentido, teorias críticas abarcam um currículo que ajuda a repensar as estruturas sociais dentro da sociedade capitalista, as relações de poder existentes entre ricos e pobres, dominantes e dominados, a partir de um processo de reflexão da condição de opressão. Refletindo sobre a sua realidade, aos poucos chega-se à conscientização que pode levar à emancipação dos sujeitos e a transformação da realidade.

Enquanto as teorias pós-críticas discursam a favor dos excluídos, abraçam a diferença, dando visibilidade às subjetividades dos sem vez e sem voz, trazem para as discussões as questões de gênero, raça, etnia, sexualidade, numa concepção de

multiculturalismo, de forma que os significados e discursos da população excluída e marginalizada são valorizados e respeitados.

Nessa perspectiva, Gomes (2012, p. 98) nos ajuda refletir sobre “as tensões e os processos de descolonização dos currículos na escola brasileira”. No seu artigo intitulado “Relações Étnico-Raciais, Educação e Descolonização dos Currículos” a autora discute uma possível “[...] mudança epistemológica e política na escola e na teoria educacional proporcionada pela introdução obrigatória do ensino de história da África e das culturas afro-brasileiras nos currículos das escolas públicas [...]” (GOMES, 2012, p. 98)

A autora parte das reflexões da sua experiência ao assistir o espetáculo teatral Besouro Cordão-de-Ouro, que trata da vida do grande capoeirista negro da Bahia, Besouro de Mangagá. Fazendo essa interface com a arte, ela enfatiza a necessidade de um diálogo intercultural entre as ciências e as culturas, aponta a nossa ignorância com relação às questões étnico-raciais no Brasil. E é enfática ao dizer que esse diálogo intercultural

[...] é aquele que se propõe ser emancipatório no interior da escola, ou seja, que pressupõe e considera a existência de um ‘outro’ conquanto sujeito ativo e concreto com quem se fala e de quem se fala. E nesse sentido, incorpora conflitos, tensões e divergências. Não há nenhuma ‘harmonia’ e nem ‘quietude’ e tampouco ‘passividade’ quando encaramos, de fato, que as diferentes culturas e os sujeitos que as produzem devem ter o direito de dialogar e interferir na produção de novos projetos curriculares, educativos e de sociedade. Esse ‘outro’ deverá ter o direito à livre expressão de sua fala e de suas opiniões. Tudo isso diz respeito ao reconhecimento da nossa igualdade enquanto seres humanos e sujeitos de direitos e da nossa diferença como sujeitos singulares em gênero, raça, idade, nível socioeconômico e tantos outros”. (GOMES, 2012, p. 105)

Vale ressaltar que, quando se pensa em teoria de currículo, não devemos achar que seja um campo do conhecimento pronto e acabado sobre currículo, mas sim, pensar em uma permanente construção em um campo do conhecimento contestado, entendendo que “[...] uma definição não nos revela o que uma determinada teoria pensa o que o currículo é” (SILVA, 2005, p.14). Isso porque devemos trilhar os caminhos da história a fim de penetrar nas entrelinhas e nuances que configuram a categoria currículo e teorias do currículo.

Diante do exposto fica nítido que a elaboração de um currículo requer a priorização de alguns temas em detrimento de outros, a escolha de alguns conteúdos e

não de outros, respondendo ao projeto de homem que a instituição e a sociedade querem formar. Desse modo, vê-se que:

Selecionar é uma operação de poder. Privilegiar um tipo de conhecimento é uma operação de poder. Destacar entre as múltiplas possibilidades, uma identidade ou subjetividade sendo a ideal é uma operação de poder. As teorias do currículo não estão neste sentido, situadas num campo “puramente” epistemológico, de competição entre “puras” teorias. As teorias do currículo estão ativamente envolvidas na atividade de garantir o consenso, de obter hegemonia. As teorias do currículo estão situadas num campo epistemológico social. As teorias do currículo estão no centro de um território contestado (SILVA, 2005 p.16).

Portanto, a questão curricular é também, de identidade, subjetividade. Partindo do pressuposto de que queremos educar para uma sociedade onde reine o respeito pelas diferenças, o combate contra as discriminações, em que a pluralidade cultural seja valorizada e a equidade construída. Que tipo de educação vamos oferecer? Que tratamento iremos dar aos mais diversos conteúdos? Para responder a essas indagações, necessitamos ter nitidez sobre as nuances da formação humana e da necessidade de um trabalho coletivo e interdisciplinar, possível de dar conta de tal pretensa formação.

Outrossim, sabemos que as escolhas que serão feitas envolvem identidade, subjetividade, e isso é relação de poder. (SILVA, 2005). Pois, a escola por meio de seu currículo deve ir ao encontro das culturas e vivências, aproveitando as experiências dos alunos e alunas, enchendo de significados o conteúdo a ser aprendido. Do contrário, produz exclusão escolar. Numa análise de perspectivas de teorias Pós Críticas, podemos até dizer que coloca-se em evidência uma política voltada para um projeto de morte, no qual o elemento raça destaca-se nesse contexto.

### **A escolarização e o seu currículo excludente, segregador**

A Educação, processo natural pelo qual passam os seres humanos era, inicialmente, de responsabilidade das famílias, posteriormente, foi repassada a pessoas capacitadas para promovê-la. Assim, foi surgindo o ofício de ensinar, como bem diz Silmara Papi (2005), um fazer que vai adquirindo características próprias, de acordo com o local em que é executado, a sala de aula. A escolarização, então, surge atrelada ao que

denominamos de currículo, e este adquire características consoante à época e a quem se destina.

Nesse processo de escolarização, o desempenho do ofício conta, como diz Gauthier, com um repertório de conhecimentos não acabado, não pronto, mas que está em constante construção e alteração (GAUTHIER, 2013). E que abrange dentro dessa ação os saberes da experiência, os saberes CURRICULARES, mas também os saberes da tradição pedagógica, e outros que como já foi falado, é infinito e mutável.

Tratando-se do termo Currículo, este, nos reporta a caminho a ser seguido; buscando melhorar o entendimento desse vocábulo, empreendemos à investigação com Goodson que nos ajuda a entender que:

A palavra currículo vem da palavra latina *Scurrere*, correr, e refere-se a curso [...] As implicações etimológicas são que, com isso, o currículo é definido como um curso a ser seguido, ou, mais especificamente, apresentado.” (GOODSON, 1995, p.31).

Nesse sentido, é importante salientar, aspectos que lhe são inerentes, ou seja, o que ensinar - como ensinar - para quem e por que ensinar. Desta feita, (Santos; Paraíso; 1996) vêm nos apresentar os diversos tipos de currículo identificados, e o que eles alcançam. Para as autoras, temos:

[...] **currículo oficial** é o que foi planejado oficialmente para ser trabalhado nas diferentes disciplinas e séries de um curso. É o que consta na Proposta Curricular do Estado [...] Secretarias de Educação ou nos livros didáticos [...] **currículo formal** abrange todas as atividades e conteúdos planejados para serem trabalhados na sala de aula. O currículo formal inclui também o currículo oficial. São chamados de **currículo em ação ou real** [...] **currículo oculto**, significando o conjunto de normas e valores implícitos das atividades escolares, [...] **currículo explícito** representa a dimensão visível do currículo [...] **currículo vazio ou nulo**. Este se constitui nos conhecimentos ausentes, tanto das propostas curriculares (currículo formal), como das práticas das salas de aulas (currículo em ação) [...] (SANTOS; PARAÍSO, 1996, p. 84)

Podemos dizer que, currículo desde sua origem vem mostrar um caminho, um rumo a tomar, ou melhor dizendo, a manifestar no ato da escolarização, que, de início era apenas levar os alunos a um espaço chamado sala de aula, e, quanto ao gênero, só era permitida a escolarização em seu princípio, ao gênero masculino, e grande parte desses

aspectos foram modificando ao passar dos tempos, atualmente se encontra em grande parte, o ensino por série-idade e atingindo grande parte da diversidade e gênero.

Como bem ressalta Goodson, “[...] o currículo funcionava, a um tempo, como principal identificador e mecanismo de diferenciação social.” (GOODSON, 1995, p.35). É notório, que no surgir de um currículo formal, era “transmitido” o conhecimento de acordo com a classe social, contudo se diferenciava, não para atingir a diversidade cultural, mas para estabelecer quem era rico e quem era pobre, ou seja, a educação se caracterizava como pobre aos desfavorecidos, os já excluídos; e, uma educação rica, avançada, aos que tinham o poder aquisitivo elevado.

Assim, sendo a educação adjetivada consoante a quem lhes era repassada, isto é, uma educação “pobre” e outra educação “rica”. Assim como nos dias atuais, nas escolas brasileiras públicas ou privadas, os currículos em grande parte, se diferenciam de acordo com o poder aquisitivo que detém o público a quem vai ser apresentado.

É notório, que o currículo formal, normativo, em geral, é manifestado de modo a suprimir os que já se encontram excluídos, como bem reflete (SANTOS, 2020) em sua obra “A Cruel Pedagogia do Vírus”. Santos (2020) nos mostra no capítulo “A sul da quarentena” uma percepção sensível àqueles anulados durante a crise mundial da COVID-19, que tiveram de se submeter à quarentena (uma medida de saúde pública), adotada com o intuito de que os indivíduos sejam reclusos, para assim, controlar o contágio do vírus devastador.

E, diante desse contexto, a porção, que é a maior parte de nossa sociedade brasileira, já excluída, como bem diz Santos:

As mulheres; os trabalhadores precários, informais, ditos autônomos; os trabalhadores da rua; os sem-abrigo ou população de rua; os moradores das periferias pobres das cidades [...] os internados em campos de internamento para refugiados, imigrantes indocumentados [...] os deficientes; os idosos [...] A lista dos que estão a sul da quarentena está longe de ser exaustiva.” (SANTOS, 2020, p.14-20)

Logo, como diz o termo escolarização, esse e escola estão interligados, assim dizendo, existe escolarização porque existe a escola. Ao escolarizar um indivíduo, o obrigamos durante seu acesso ao ensino formal, na educação básica, a adquirir um currículo que muitas vezes não valoriza sua cultura, seu contexto social, e não obstante, o limita na busca de equidade de direitos e na conquista do seu lugar na sociedade.

## Arguindo as falas diversas sobre currículo em seu contexto escolar

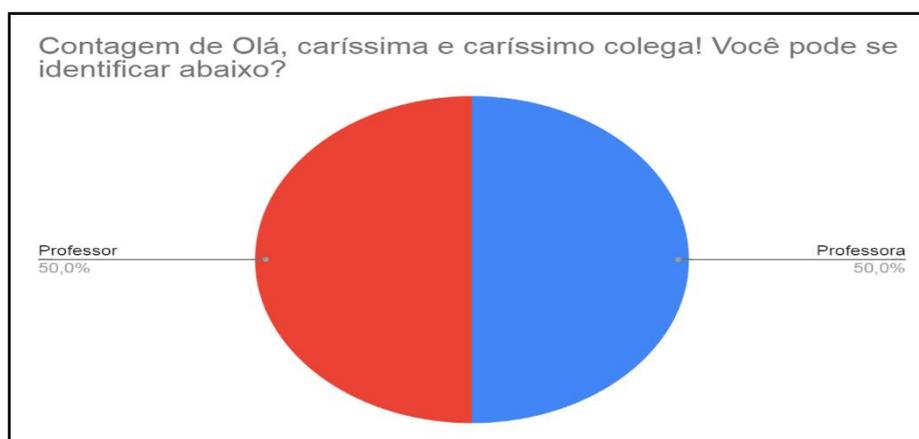
Esta investigação que foi de caráter exploratório vem apontar as falas dos docentes no que diz respeito a um currículo escolar que emancipa e fomenta uma escola plural, plural no que concerne ao sentido etimológico da palavra. Abrange discussões sobre um tipo de currículo emancipador, escola plural, currículo e teoria, currículo e identidade.

No decorrer do estudo, é importante sublinhar que as experiências das autoras na atuação profissional no Magistério estão latentes e dialogando com as teóricas e os teóricos apontados no decorrer do trabalho, ressaltando a relevância do conhecimento empírico da profissão-docente.

Desse modo, a técnica de coleta de dados utilizada foi um questionário do *Google Forms* realizado com o corpo docente do Centro de Ensino Japiiaçu, escola dos anos finais do Ensino Fundamental, da rede estadual de São Luís.

A pesquisa obteve 12 (doze respostas, onde na totalidade de 100%, tivemos 50% (seis) professoras e os outros 50% (seis) professores. Segue abaixo a identificação dos mesmos.

**Gráfico 1** - Identificando os participantes do questionário.



Fonte: (DADOS DA PESQUISA, 2022)

Quanto à formação, a maioria possui especialização, ou seja, 7 (sete) docentes que são 58,3% do corpo docente, e o restante dos profissionais, que são 5 (cinco), ou seja, 41,7% dos docentes não possuem.

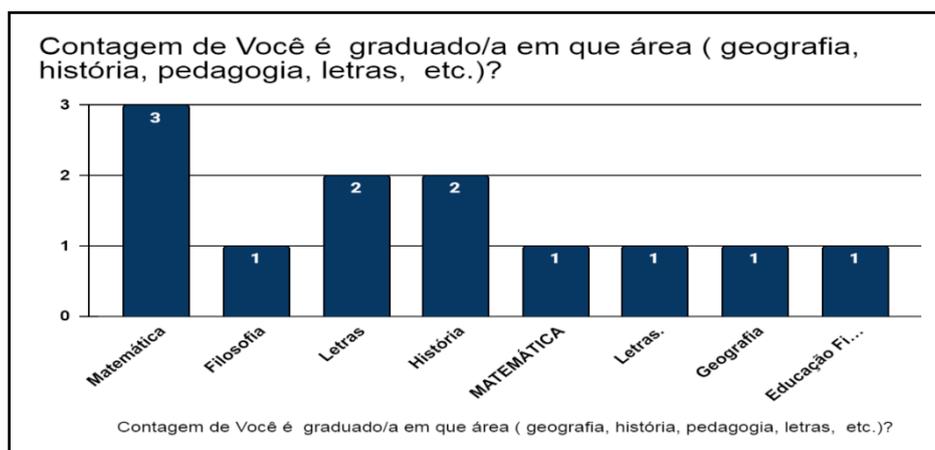
**Gráfico 2** - A formação dos envolvidos na pesquisa.



Fonte: (DADOS DA PESQUISA, 2022)

A respeito da área de formação, responderam a pesquisa os professores graduados em: quatro professores formados em Matemática; três em Letras; dois em História; um em Filosofia; Geografia e Educação Física. Totalizando doze professores.

**Gráfico 3 - A graduação dos envolvidos na pesquisa.**



Fonte: (DADOS DA PESQUISA, 2022)

No gráfico 4, refere-se aos que trabalham na rede pública e os que trabalham tanto em escola pública como na escola privada, temos: 10 (83,3%) professores trabalhando somente na escola pública; e 2 professores (16,7%) trabalhando tanto na pública quanto privada..

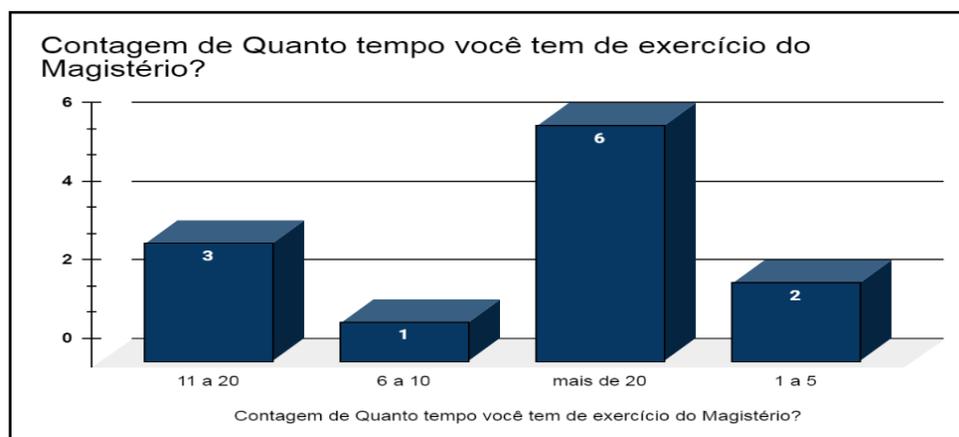
**Gráfico 4 - Você atua em que esfera da educação?**



Fonte: (DADOS DA PESQUISA, 2022)

No gráfico 5, obtém-se o tempo de exercício do magistério, o qual diz que a grande maioria dos professores tem mais de 20 anos de ofício docente, isto é, 50% dos professores.

**Gráfico 5 - Tempo de ofício docente**



Fonte: (DADOS DA PESQUISA, 2022)

Sendo assim, a partir de uma conceituação de Goodson (1995) sobre o termo currículo, pedimos que tentassem definir currículo escolar, obtivemos as seguintes definições:

*“Um conjunto de disciplinas a ser praticado”.<sup>2</sup> (P1)<sup>3</sup>*  
*“É como se fosse o coração da escola, pois através do currículo que seguiremos a trajetória dos assuntos proporcionado ao longo do ano.”(P2)*  
*“Gosto de traduzir como DISCORRER. É um caminho a ser corrido sim. Pena que no nosso país vem de cima para baixo. Mas é necessário seguir um roteiro, foi o que a humanidade adquiriu.” (P3)*  
*“É o conjunto de informações que serão oferecidas aos alunos, dentro de um período escolar específico.” (P4)*  
*“O norte para as ações didáticas.” (P5)*  
*“É um percurso educacional.” (P6)*  
*“O currículo escolar é o caminho que o estudante deve percorrer durante a sua vida na escola. Nele estão organizados os conteúdos que o aluno vai aprender ao longo do estudo em uma em uma instituição de ensino.” (P7)*  
*“Conjunto articulado de saberes organizados por áreas de conhecimento.” (P8)*  
*“Um conjunto de conteúdos necessários ao aprendizado do alunado.” (P9)*  
*“O currículo constitui o elemento nuclear do projeto pedagógico, é ele que viabiliza o processo de ensino e aprendizagem.” (P10)*  
*“Parto da ideia que o currículo se refere a Organização do Conhecimento Escolar. Nesse sentido me refiro ao caminho percorrido pelo aluno na escola no que tange aos conteúdos a serem estudados, as atividades e competências/ habilidades a serem desenvolvidas no seu processo ensino aprendizagem.” (P11)*

Nas respostas há uma ênfase no Currículo como caminho a ser percorrido. Todavia, é importante, refletirmos sobre currículo como uma construção no processo. Ou seja, em um sentido de ação, que sai do substantivo “pista de corrida” para o próprio “ato de correr” a pista. Nesse sentido explica Silva (2005, p. 43) recordando os conceitos de Pinar que: “é como atividade que o currículo deve ser compreendido”. Assim, ganha um sentido diferente.

Portanto, currículo é caminho e ao mesmo tempo, a própria caminhada. Ampliando essa noção de currículo corroboramos com Silva (2005, p. 150): “O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso, o currículo é autobiografia, nossa vida. *Curriculum vitae*, no currículo se forja nossa identidade.”

Na sequência, foram apresentados os seguintes tipos de currículo: Oficial (consta na Proposta Curricular do Estado ... livros didáticos ...). Formal (inclui também o currículo oficial. São chamados de currículo em ação ou real); Oculto (conjunto de

---

<sup>2</sup>As falas foram transcritas conforme o original.

<sup>3</sup>A letra pê /P/ usada nas falas significa professora e professor, e o numeral a ordem dos questionários.

normas e valores implícitos das atividades escolares); Vazio ou nulo (se constitui nos conhecimentos ausentes). (SANTOS; PARAÍSO, 1996, p. 84). Então, a pergunta sobre como percebem a materialização dos diversos tipos de currículo na sua prática. Dentre as respostas, selecionamos a seguinte:

*“Analiso que esses tipos de currículos na prática pedagógica se manifestam de forma complementar, articulada. Eles estão manifestados no momento do Planejamento Pedagógico que servirá de base para a construção de aprendizagem dos alunos na sala de aula.”*  
(P 12)

Nesta resposta, as diversas formas de perceber o currículo é explicada através dos significados que permeiam a prática do professor dando destaque para o planejamento como momento importante para que essa materialização seja realizada, levando em conta as concepções e objetivos do currículo. A seguir, algumas colocações ligam a materialização desses currículos com as situações de condições materiais e psicológicas dos alunos, do planejamento e do auxílio da Base Nacional Comum Curricular; da própria prática de ministrar aulas, dos materiais didáticos utilizados, com ênfase no livro didático; e com o momento dos alunos estudarem em casa.

*“No meu caso, parto do currículo, mas encaminho conforme as possibilidades materiais e psicológicas da turma em questão.”*(P 3)  
*“Se materializa nas aulas ministradas, através do conteúdo repassado, do conhecimento q será adquirido ou do material didático usado.”*(P4)

*“Na prática desde o momento do planejamento até a aula e o momento de estudo do alunado em casa.”* (P 5)  
*“Aulas planejadas envolvendo geometria, utilizando materiais concretos.”* (P8)  
*“A materialização entre esses currículos ocorrem a partir do processo de organização que entendido como forma de orientar, dentre outros, os diversos níveis de ensino e as ações dos docentes, ao elaborar o seu planejamento.”* (P 10)  
*“Por meio de uso do livro didático, para o acompanhamento das aulas. Acessando a BNCC e instrumentalizando o planejamento da disciplina.”* (P11)  
*“Através do diálogo.”* (P6)

O P3 diz que o planejado sofre alterações quando depara-se com o ambiente em que tal currículo vai ser materializado. O P6 destaca o diálogo, recurso que promove as interações curriculares e possibilita entender as necessidades e adequar-se às situações.

Tais inferências supõem que alguns tipos de currículo fazem-se presentes no dia a dia do professor numa relação constante e mútua, assim como pontuaram as diversas falas.

Outrossim, destacamos a necessidade de discutir as práticas curriculares na perspectiva do currículo oculto e também do currículo vazio, para não correremos o risco de limitar o currículo à vertente tradicional e assim possamos avançar na escola plural e acolhedora.

Sobre o tópico O currículo em uma sociedade plural: As escolas podem ajudar a preparar educandos/as para uma sociedade plural, em que haja respeito e valorização da pessoa humana. Que temáticas deveríamos abordar e como deveríamos trabalhar?

*“Através da conscientização, usando textos e estatísticas que mostra a realidade social.” (P1)*

*“Sim. Temas q envolvem os direitos humanos e as relações humanas, enfatizando os valores humanos nessas relações.” (P4)*

*“Deve ser a partir das necessidades específicas de cada sociedade/comunidade. No Maranhão há uma necessidade urgente de se debater com mais afinco nós currículos a questão quilombola, o latifúndio e combate ao abuso infantil.” (P5)*

*“Respeito à diversidade - combate à discriminação, devendo ser trabalhadas através de palestras.” (P6)*

*“Identidade cultural de comunidades quilombolas através do resgate histórico desse povo.” (P8)*

*“De acordo com o MEC, deve-se abordar alguns temas que incluem valores referentes a cidadania, como: Ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual, trabalho e consumo e pluralidade cultural. Esses conteúdos devem ser trabalhados de forma autônoma, de forma transversal fazendo uso de projetos para expor essas temáticas.” (P 10)*

*“Devemos trabalhar temáticas que retratem a diversidade da nossa história humanas e o respeito por ela. É também muito importante que o currículo esteja implicado com a realidade regional e valorize a população de seu local, em suas tradições e conhecimentos, como é o caso de enaltecer as origens quilombolas e indígenas no Maranhão. Acho de suma importância que possamos trabalhar também temas pertinentes a adolescência e à vida. Acredito no trabalho em conjunto e que valorize a construção pedagógica de forma coletiva, envolvendo por projetos ou temas transversais diferentes disciplinas.”(P 11)*

*“O currículo escolar reflete o modelo de sociedade a ser construída. Pensar numa sociedade plural pela Escola é acompanhar e se voltar para as constantes transformações Socio- culturais. Sendo assim, penso que a escola deveria trabalhar temáticas como Diversidade de Gênero, Educação Inclusiva, Financeira, Etino-Racial de forma interdisciplinar e projetos pedagógicos.” (P12)*

As respostas enfatizam vários temas relevantes para a sociedade, um currículo pautado nos direitos humanos, nos valores das relações sociais, a cidadania, com seus subtemas. Trazem outros que emergem da realidade maranhense, algo bastante relevante

quando se defende um currículo voltado para as problemáticas sociais e ao mesmo tempo locais, e que são conteúdos para a construção das identidades locais dos educandos e educandas e para a compreensão da sociedade que os cerca.

Nesse sentido com o intuito compreender mais profundamente algumas abordagens frisadas nas propostas dos professores do Centro de Ensino Japiiaçu, relacionadas às questões de poder na superestrutura da sociedade, trazemos Quijano (2005) para explicar um pouco sobre relação de poder e a categoria raça implicada nessas relações durante a colonização:

Na América a ideia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova identidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela a elaboração teórica da ideia de raça como naturalização dessa maneira de legitimar as já antigas ideias de práticas de relações superiores/inferiores entre dominantes e dominados.” (QUIJANO, 2005, p.118)

Na questão 4 apresentamos as três vertentes de conhecimento sobre currículo: As teorias tradicionais (fragmentada, descontextualizada... Multidisciplinar), Crítica (reprodução cultural e social... Pluridisciplinar) e pós-crítica (identidade, alteridade/Interdisciplinar-Transdisciplinar), com arguição: sobre seu fazer pedagógico estar embasado em alguma (s) dessa (s) teoria (s). As respostas foram as seguintes:

*“Crítico e pós- crítico.”(P1)*

*“Teorias tradicional.”(P2)*

*“De verdade mesmo, em todas juntas, conforme a situação, oportunidade e possibilidade.” (P3)*

*“Tradicional e crítica.” (P6)*

*“Não organizo meu fazer pedagógico estruturado nessas teorias, porém, ao analisá-los, posso identificar uma característica aqui e outra ali de cada uma dessas vertentes.” (P4)*

*“Uma mescla entre tradicional e pós-crítica; Tradicional e crítica.” (P5)*

*“Sim! Na contextualizada e na interdisciplinar.” (P7)*

*“Tradicional e multidisciplinar.” (P8)*

*“Multidisciplinar crítico.”(P9)*

*“Sim. Na teorias pós-críticas. Nessa perspectiva o currículo é tudo como algo que produz uma relação de gênero, pois predomina a cultura patriarcal. Essa teoria crítica a desvalorização do desenvolvimento cultural e histórico de alguns grupos é tônicos e os*

*conceitos de modernidade como razão e ciência. Questiona também o conceito de verdade, já que leva em consideração o processo pelo qual se tornou verdade.”(P 10)*

*“Eu me identifico e busco me embasar no fazer crítico do currículo, problematizando a construção do conhecimento como algo potente e voltado a possibilidade de uma sociedade melhor. Mas na prática docente e suas dificuldades, muitas vezes o fazer fragmentado por meio de uso do livro didático também é um caminho. Busco sempre dotá-lo de sentido acrescentando outras propostas para além da simples cópia.” (P 11)*

*“Penso que teoricamente essas vertentes possuem características diferentes, no entanto no Fazer Pedagógico elas estão presentes de forma complementar, articulada. Portanto, no fazer pedagógico elas se complementam, mesmo que você tenha uma afinidade de uma determinada vertente.”(P 12)*

Alguns professores afirmam seu fazer curricular baseados numa combinação entre crítica e tradicional, ou tradicional e crítica ou ainda crítica e pós crítica. Essa imersão é compreensiva uma vez que, como, professores estamos sempre em processo de rupturas e mudanças em nossas práticas. Na questão curricular, entretanto, torna-se imperioso que encontremos um ponto central para que possa convergir uma prática voltada para os menos favorecidos, que são a classe popular, os filhos dos trabalhadores e trabalhadoras da comunidade.

No tópico sobre sua prática estar contribuindo para a implementação da Lei 10.639/03, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 e torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira" e inclui a temática étnico-racial nos currículos da educação básica. De forma geral, as respostas mostram a empatia dos professores com o tema e a forma como trabalham ou estão buscando trabalhar essas questões no seu componente curricular:

*“Acredito que sim. Trazendo sempre os aspectos dessa cultura tão enriquecedora e curiosa para mim mesma. Não tive a chance de aprender sobre a cultura Afro-brasileira na escola, aproveito agora e estudo com as crianças e jovens.” (P 3)*

*“Sim, em todos os momentos da aula há oportunidades para debater o tema, além de apresentação de vídeos e debates reservados especificamente para debater a temática.” (P 5)*

*"Acredito que sim, pois trabalho com autores e autoras negras e que discutem a questão racial no Brasil como Lélia Gonzáles, Abdias do Nascimento, Sueli Carneiro, Milton Santos e outros. Discutimos a formação do continente africano, suas culturas e tecnologias, além de construir o olhar crítico para formação da miséria e violências que foram impostas às populações negras. Também busco valorizar e enaltecer as populações negras e dos povos originários, como potência em cultura e tradições, e o quanto deles temos em nosso fazer, mas que*

*muitas vezes não tomamos conhecimento sobre. P 11 Sim. Há uma necessidade de promover a sociedade brasileira essa realidade que faz parte da nossa história, e da nossa cultura. É através desse processo que ocorre a implementação da lei.” (P 10)*

As colocações dos professores situam o seu trabalho num contexto forte de desenvolvimento da temática. Enfatizam a importância desse trabalho voltado para a temática e é possível perceber os conteúdos frequentemente abordados (P11), bem como a forma que são desenvolvidos (P 5). Por meio de outras respostas observa-se a busca por um tratamento interdisciplinar da questão, e afirmaram que trabalham transversal e interdisciplinarmente o tema:

*“Usando datas para fatores históricos” (P1)*

*“Intertextualidade”(P2)*

*“Sim, através de temas transversais sobre o assunto.” (P 6)*

*“Sim, na modalidade interdisciplinar.” (P 7)*

*“Sim, ao trabalhar temas matemáticos envolvendo dados históricos e estatísticos da cultura Afro-Brasileira.” (P 8)*

*“Legalizar o Ensino de um determinado conteúdo não significa legitimar na sua prática dentro da escola. Assim vejo o Conteúdo sobre história e Cultura Afro - Brasileira. A escola precisa legitimar no seu currículo, propondo nos seus planejamentos pedagógicos atividades interdisciplinares e projetos pedagógicos que valorizem essa temática. Na Educação Física procuramos articular temática;”(P 12)*

Nos chama a atenção a resposta do P12 quando destaca a preocupação comum espaço de relevância dentro da escola para discutir o tema e assim avançar na implementação da lei, focando em planejar atividades interdisciplinares e projetos pedagógicos de forma a dinamizar o currículo nessa perspectiva. Ainda neste item comentaremos duas respostas, que expõe de forma tímida a relação no seu trabalho com a temática. Uma delas expõe a ausência da história afro-brasileira nos livros didáticos e escassez de formações na temática, o que nos leva a entender ao dizer que não trabalha muito a temática. E a outra expõe uma abordagem bem resumida do trabalho com a temática.

*“Não muito, a história afro brasileira ainda não é muito abordada nos livros didáticos da escola pública, além das formações dos professores nessa área também não ser frequente.” (P 4)*

*“Mostrando ao alunado que tanto ele como quem o cerca descende de várias etnias.”(P 9)*

De que forma a proposta curricular da escola pode ser um espaço de inclusão, valorização das diferenças e promotor da equidade social? As respostas abaixo enfatizam o diálogo e escuta com meio importante para garantir que os direitos das pessoas sejam respeitados. Diálogo em todas as suas dimensões dentro do contexto escolar. Colocam a importância do Projeto Político Pedagógico como uma construção coletiva e uma forma planejada de organização escolar que ajuda na concretização da proposta curricular.

*“Ouvindo muito.” (3)*

*“Através da construção do PPP é possível vislumbrar e materializar de forma organizada a proposta curricular, alcançando resultados positivos.” (4)*

*“Ouvindo a comunidade, quem faz parte dela e quem por algum motivo se sente excluído. A partir daí elaborar ações horizontais.” (5)*

*“A partir do momento que possibilita debates democráticos acerca da pluralidade e diversidade humana.” (8)*

*“A proposta curricular escolar tem como objetivo, garantir que todos estejam inseridos no processo de inclusão e igualdade social.” (10)*

*“A Proposta Curricular da Escola se refere a Construção do seu Projeto político Pedagógico que deve ser realizado com a ação de todos os atores ( gestão , docentes , discentes, pais / responsáveis e demais funcionários da escola). Eh nessa construção coletiva que se manifestara o modelo de Escola, Educação, Sociedade que queremos.” (12)*

É importante mencionar que é por meio da proposta curricular da escola que os projetos educacionais a nível macro se concretizam e é por meio da prática pedagógica do professor que os alunos são formados segundo esse projeto. O professor materializa o currículo na sua sala de aula. Assim, pensando no tipo de homem e de sociedade serão /estão sendo formados se faz importante o debate dentro da escola sobre o assunto.

*“O currículo precisa buscar inserir as diversidades e suas histórias apagadas e não contadas, como protagonistas do fazer pedagógico. Para isso é importante os alunos acessarem também a diversidade em pessoas e lugares, poder discutir religiões e suas diferentes vertentes, mas com o respeito de quem compreende a pluralidade como pilar da sociedade a ser construído. O aluno precisa também se reconhecer em parte deste todo que está aprendendo, precisa ver que suas angústias, dúvidas e realidade de mundo, também estão sendo representadas e podem ser acessadas como diálogo e mesmo conhecimento.” (P11)*

A pandemia da COVID - 19 alterou o trabalho docente. Sobre esse assunto, que pontos positivos e/ou negativos você viu na forma de desenvolver o Currículo escolar?

*“Positivo: pois os docentes precisaram se adaptar a nova realidade dos jovens, tecnologia.*

*Negativo: os alunos se acomodaram com o instrumento tecnológico, e vicioso.” (P 2)*

*“No meu componente, que não é oferecido o livro didático, pude usar as tics para enriquecer os conteúdos. Pena que muitos ainda ficaram de fora por falta de acesso aos dispositivos e rede. Então, ainda assim, penso como positivo apesar da doença e de todas as tragédias familiares, políticas e administrativas.” (P 3)*

*“Positivo: podemos incrementar as aulas com a tecnologia; negativo: alcance limitado por parte de muitos alunos.” (P 4)*

*“Positivo foi a oportunidade de usar tecnologias em contexto didática, ferramentas que até então eram muito difíceis de serem usadas e faltam na escola (como televisores e mais salas de vídeo). A dificuldade maior foi a falta de acesso por parte dos alunos e a dificuldade de manter uma comunicação mais direta e efetiva.” (P 5)*

*“Positivo - aprendizagem de novas ferramentas tecnológicas voltadas à educação. Negativo - adaptação da rotina doméstica à nova forma de trabalho.” (P 6)*

*“A princípio, foi um verdadeiro desafio para os professores, assim como para os alunos também.”*

*“Que buscou reconhecendo através de um novo mecanismo de ensino.” (P 7)*

*“Possibilitou maior estudo e capacitação em multimeios tecnológicos, rompendo mais com a forma "tradicional" do fazer pedagógico.” (P 8)*

*“Positivos que obrigou todos professores e se voltar para estudar e discutir como dar aula de forma remota. O que de antemão já é uma experiência do fracasso, visto que por melhor que seja não é substituível ao momento presencial. Agora como negativo ao currículo é que muitos professores e alunos estão vivendo um momento de exaustão e descrença, e a busca por retomar conteúdos que supostamente deveriam ter já sido aprendidos é uma maratona fadada ao stress, muitas vezes ansiedade e ampliação das desigualdades sociais. Portanto há uma urgência de falarmos e cuidarmos do aspecto emocional dos alunos e professores, e isto o currículo precisa abarcar, não apenas pelo contexto de crise, mas como uma forma de educação do diálogo e de expressar seus sentimentos.” (P 11)*

*“Temos a compreensão que o currículo não é estático. Ele é dinâmico e sendo assim deve se adaptar e acompanhar as constantes transformações que afetam a sociedade. Dentro desse contexto, a escola procurou se adaptar procurando implantar o Uso das Diversas Tecnologias Educacional; no entanto esbarramos a precarização do acesso a todos os atores da escola ou na falta de recursos tecnológicos na escola, como falta de internet, falta de laboratório de informática, falta de computadores e notebook.” (P 12)*

As falas revelam o esforço que os/as profissionais fizeram para dar conta das novas demandas educacionais, aprendendo novas tecnologias de ensino, a preocupação com a falta de acessibilidade dos alunos à internet e recursos tecnológicos, bem como falta de aparelhamento da escola nesse contexto.

Na relação currículo e formação, que aspectos você, enquanto profissional em processo formativo, deve melhorar para atingir uma sociedade democrática, plural e inclusiva?

*“Sair do currículo, buscar completar as informações que ele traz com aquilo que ele exclui. No caso de História, além de aprofundar os conhecimentos nas teorias pedagógicas, trabalhar, por exemplo, a história da Ásia muito pouco mencionada no currículo e fundamental para compreensão do presente.” (P5)*

*“Adquirir maior embasamento teórico sobre o assunto” (P6)*

*“Atualização (estudar mais) acerca do que é produzido a respeito da educação” (P8)*

*“Olha eu gostaria que a escola tivesse mais tempo pedagógico para debater as práticas docentes e acompanhamento do currículo. Sinto que essa falta de reflexão coletiva constante dos fazeres na escola, acabam por naturalizar práticas docentes fragmentadas e pouco potentes, muito mais motivadas pelo cansaço e falta de formação sobre, do que propriamente uma indisposição por parte dos professores, e eu me vejo neste contexto. Agora eu acho que posso melhorar meu planejamento para incluir mais aspecto do campo das diversidades dos currículos.” (P11)*

*“Penso que essa Relação Currículo - Formação deve ser constante, pois a sociedade é dinâmica. Nesse sentido é preciso realizar Cursos de Capacitação / Formação em Diferentes Temáticas. Socializar Práticas Educativas Com as Diferentes Áreas de Conhecimentos. Realizar e Participar de Projetos Pedagógicos.” (P12)*

Algumas das respostas expõem a preocupação de ampliar os conhecimentos para efetivar uma prática mais integradora e emancipadora, que busque alargar os horizontes sobre a prática curricular da escola. Não obstante, um trabalho mais reflexivo e compartilhado com seus pares, com tempo pedagógico de qualidade, que prima em aprofundar temáticas fundamentais para se atingir uma escola em sua pluralidade cultural neste contexto contemporâneo.

### **Algumas considerações não finais**

Esta investigação sobre currículo em suas perspectivas etimológicas, conceituais, teóricas, de formação da identidade em uma sociedade dividida que exclui e segrega os já excluídos deseja reforçar a defesa da necessidade de lutarmos por um currículo que promova a emancipação, ademais que fomente essa escola plural que vimos falando. Então, como o currículo pode ser esse instrumento emancipador em uma escola que

acolha as diferenças, a pluralidade cultural, construindo uma sociedade mais humana, inclusiva e equânime?

Em primeiro lugar entendemos que é imprescindível a escola avançar no sentido da formação, para ampliar os espaços e os temas formativos. Que o tema currículo e pluralidade cultural ganhem relevo no dia a dia dos docentes. Pois como bem apontou uma das falas da nossa pesquisa, “essa falta de reflexão coletiva constante dos fazeres na escola, acabam por naturalizar práticas docentes fragmentadas e pouco potentes”, diagnosticando a necessidade da insistência na formação e no trabalho coeso e crítico da realidade.

Sendo assim, haverá preocupação com a vida, decidir pela vida de todos os povos e suas identidades que devem permanecer em nossa sociedade, almejando um currículo que não dite “quem pode viver e quem deve morrer.” (MBEMBE, 2018, p.5). Valorizar as diversas identidades presentes em sala de aula, reconhecendo, por exemplo, o nosso cabelo, a música, comida; um currículo que fomente as diversas etnias, raças, que fizeram parte de uma construção histórico-social de nossa identidade e subjetividade, nosso eu, nossa maneira de pensar, sentir e agir.

Por um currículo que coloque em prática a diversidade de falas, como por exemplo, o Braille, a língua brasileira de sinais (Libras); não valorize apenas a codificação (da língua normativa) em detrimento da oralidade. Um caminho do fazer docente que desenvolva as linguagens artísticas (teatro, a dança regional, a música regional, poesia, podcasts, vídeos, slam’s, desenho, dentre outras).

Por um currículo emancipador em que a pessoa humana seja valorizada em suas diferenças, em que a escola faça um percurso de pôr em prática as experiências das variedades de falas, lugares e culturas individuais e sociais. Que o currículo escolar ansiando por emancipar, isto é, libertar e, também, manifestar essa escola plural, que de fato represente seus sujeitos envolvidos, possa contribuir com tal pretensão, que é uma sociedade mais humana, inclusiva e equânime.

## REFERÊNCIAS

APPLE, M. W. **Educação e poder**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. Educação, contestação e currículo, p. 45.

BECHARA, E. (Org.). **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras**: língua portuguesa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

CAMPOS, M. T. R. A. et al. **Multiversos**: linguagens: diversidade: lugares, falas e culturas: ensino médio. 1. ed. São Paulo: FTD, 2020.

GAUTHIER, C. et al. **Por uma teoria da pedagogia**: pesquisas sobre o saber docente. (trad. Francisco Pereira). 3ª Ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013. (Coleção fronteiras da educação)

GOMES, N. L. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. In: **Currículo sem fronteiras**, v.12, n.1. p. 98-109, jan./abr. 2012. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/articles.htm>. Acesso em: 06 mar. 2022.

GOODSON, I. **Etimologias, epistemologias e o emergir do currículo**. Currículo: teoria e história. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 44.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N-edições, 2018.

PAPI, S. de O. G. **Professores**: formação e profissionalização. Araraquara, SP: Junqueira&Martin, 2005.

PARAÍSO, M.; SANTOS, L. **Dicionário Crítico da Educação**: Currículo. Presença Pedagógica, v.2, n.7. jan./fev. Belo Horizonte: Dimensão, 1996.

QUEIROZ, T. D (org.). **Dicionário prático de pedagogia**. 1. ed. São Paulo: Rideel, 2003.

SANTOS, B. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almedina, S.A, 2020.

SILVA, T. T. da. Nascem os estudos sobre currículo: as teorias tradicionais. In: **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2002, p. 11-27.

SILVA, T. T. da. Onde a crítica começa: ideologia, reprodução, resistência. In: **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2002, p. 29-81.

SILVA, T. T. da. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2 ed., 9ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

*Recebido em: 01/06/2022*

*Aprovado em: 03/07/2022*

*Publicado em: 07/07/2022*